

ÁGUAS PASSADAS

Um antigo mosteiro.

HOMEM

Não bebo. Não acredita? Não bebo. Menos choro.

Choro para dentro, não é?

Não tenha medo, a pedra não se estraga.

Queria durar como estas pedras.

Não é perfeita? Eu nunca tinha visto uma sereia, nem nos livros da escola. Isto para mim era a figura de uma sereia. Uns dizem que é uma deusa da água... É uma sereia. Conheço-lhe cada veio.

Tivemos os filhos tarde.

E duraram... o que duraram.

Nunca quis emigrar.

Fui para fora só com quarenta, é como fazem agora. Voltamos logo. Quase não estive lá, comparado com outros.

Depois do episódio vim para aqui.

A minha mulher não aguentou, e eu também não; quando ela se foi embora, quis mudar de vida. A doença mental é assim, apanha-te e pronto, já está. A albufeira parecia que chamava por ela.

Não tenho culpa, custou muito, custou, não digo que não, mas as coisas que se contam, o que as pessoas dizem... Acredita quem quer. A verdade... É outra história.

A senhora não vai escrever isto como se eu tivesse pronúncia, vai?

Os jornalistas às vezes fazem isso...

A senhora pode pôr tudo o que eu disser, aí, preto no branco. Quem quiser, pode ler.

Não quero piedade, quero justiça, peço justiça.

Hoje, água, nem vê-la. Não bebo. Nunca.

Por isso é que eu me sinto bem aqui. Água, nem vê-la.

Como é que eu me sinto? Bem. Lágrimas? Não. Sofri muito, depois do episódio com a minha menina. Hoje... tudo passa.

O pior foi mudar de nome. O nome é uma pessoa.

E aquele estava comigo desde que nasci, não é?

Não se ria... Tenho aqui o processo todo, a papelada toda, ó, pesa, não pesa? Ora diga-me, veja, pode ler: vê alguma prova, prova que se possa chamar prova?

A senhora veio tirar-me daqui? Consegue? Se conseguir, conto-lhe tudo.

Vim com as pedras. Uma a uma para dentro do barco. Braça a braça, algumas fui buscá-las debaixo de água, o rio já estava a encher. Já andava a pensar nisso há muito tempo e nesse ano o Verão estava a ser tão seco, parecia isto aqui, não chovia, não chovia... Fui lá, peguei nuns homens e disse:

Estas vêm comigo.

O que eu queria era trazer a casa toda. Não queria que ficasse lá nada. Aquela albufeira é um cemitério. Não trouxe a casa, mas trouxe o que pude. E olhe que a pedra vendia, se houvesse quem as fosse lá buscar.

Vieram ao longo do Homem, pois. E depois, em camiões. Estas que aqui vê já está tudo comprado, se a senhora quiser uma, não temos. Temos de ir lá buscar. O granito é ouro.

Tive de esperar outro verão seco para ir buscar esta minha menina.

Na primeira vez aquilo começou a encher de repente, a encher, a encher... Parecia que alguém não queria que as pedras saíssem do lugar, abriram as comportas, ou raio, por causa das terras, eu sei lá, e eu e os homens, cada vez mais aflitos, cada vez mais aflitos, a ver que ficava lá algum, ou eu, agarrado à casa. Hoje até rio, até me dá para rir, às vezes, mas nesse dia...

O que parte a pedra é a água. Está a ver as marcas? Estes... veios. É por aqui. Primeiro faz-se os entalhes. Põem-se as cunhas. As cunhas incham, a pedra abre. Mais cunhas; enterram-se na pedra. A água entra. Quando a madeira incha faz pressão por dentro da pedra e a pedra... A pedra estala. Infiltra.

Naquele tempo iam para os montes partir as pedras assim.

As pedras são todas iguais, não é?

Nada disso.

Esta pedra viu muito.

É como um livro.

Está a rir-se?

Um dia – eu não tinha escola – esvaziou-se o tanque e o meu pai mandou-me saltar lá para dentro – para limpar – e foi quando eu vi as letras e o desenho. Isto veio de alguma casa ou ponte dos romanos ou antes. Já sabia ler. Mas não conseguia ler nada daquilo. Que figura era aquela? Quem a tinha feito, quem era o escultor? Quem tinha escrito aquelas letras na pedra por dentro do tanque? O que é que dizia? É uma sereia, diz o meu pai. Mas o que era uma sereia? Eu sabia lá...

Quando se enchia o tanque cheio de água, e se mergulhava, e se abriam os olhos debaixo de água, parecia, até se podia ver a sereia a mexer. E quando tocava nela, assim com a ponta dos dedos, na pedra lisinha, sentia-se os veios, parecia que estava viva, parecia que se mexia.

Não tenha medo, ponha a mão no corte; a pedra não se estraga. Não é perfeita?

Quando construíram as casas da aldeia, aproveitaram a pedra que havia. Muitas já estavam cortadinhas, eram lajes perfeitas. As pedras vinham de lá de cima, das fragas e penedos e casas velhas e estradas dos antigos... E esta assentou muito bem, fazia de coluna, era uma parede perfeita.

Sempre gostei de água.

Uma vez na escola ganhei o prémio de melhor composição.

A Água.

A Água não tem cor. Não tem cheiro, não tem sabor. A água corre para o mar. A água cai do céu. A água entra na terra. Quando entra na terra, separa os seixos, parte os penedos. E das pedras nascem fontes. As fontes correm para o mar. É lá que a água ganha o sal, como as lágrimas de Portugal.

Eu era uma esponja, dizia o professor, absorvia tudo como uma esponja. Bebia as palavras dos adultos. Aprendia tudo o que via os mais velhos fazer. Foi assim que aprendi a trabalhar a pedra. Ia muito com o meu pai, picar as mós, e tudo. Na minha aldeia havia uma grande tradição de canteiros, iam lá buscá-los para ir trabalhar para todo o lado, até para o estrangeiro. Aprendi tudo o que tinha de aprender até aos dez, onze, doze anos. É assim, a gente aprende as coisas cedo, mas depois esquece, a senhora sabe. E passa o resto da vida a trabalhar com o que acha que sabe. Porque o tempo passa e a gente esconde o que aprende.

Eu era como um rio de águas límpidas, por onde brilhava o sol, e o passado corria para o mar, e à superfície reflectia o céu, que era o futuro, e as margens misturavam-se com a terra e o verde das árvores, que era o presente... O agora. Viam-se peixes de todas as cores e feitios. A água alisava seixos e pedras, saltava caminhos e rochedos. Era eu.

Está a ver estas pedras? Esta pedra tem sangue? Não. Sangue: isso era prova. O sangue não brota das pedras.

Eu não peço pena, nem piedade, nem peço vingança, peço justiça.

Não havia piscinas, havia rio. E os tanques, vá. Tanques havia. A família dela foi a primeira a voltar, ninguém queria vir para Portugal. Toda a gente dizia que um dia ia voltar, que trabalhavam sábados, domingos e feriados para voltar, que vinham um mês inteiro à terra construir a casa para voltar, mas piscina? Piscina foi aquela a primeira. Era como um tanque, maior. E eu fui fazer aquilo, casa e tanque e piscina. As crianças iam todas brincar para lá. É porque havia crianças. Onde estão elas agora?

Eu era mais velho, claro, mas ainda estava em idade para casar e ela já tinha idade, já tinha botado corpo, como se diz. O desejo falou. A moça ia lá ficar, sozinha, no meio dos velhos? Não, veio comigo. Era a minha sereia, em carne e osso, agora. Era a única da aldeia.

Nunca toquei na criança. Nem nela, nem na criança, nunca lhes toquei. A mãe ganhou ciúmes da filha. Mas aquilo já era a doença a falar. A minha filha também está gravada no meu coração, uma e outra. Amava as duas mais que tudo. Adorava a minha filha como se fosse a figura desenhada no granito.

Lembra-se do jogo do lenço?

Um!

Um! Vinagre!

Fogo!

Dois!

Dois! Vinho!

Três!

Três... Tesoura.

Água!

Vim para aqui, não fugi dos homens, fugi de mim, da minha terra e daquela água toda.

Eu aprendi a estar na água muito pequeno, o meu pai atirou-me para dentro de um tanque e ficou ali a olhar, sem mexer um dedo para me salvar. Isso pensava eu. Agora sei que atirar-me e não fazer nada, foi o que me salvou.

Ele era o melhor canteiro que havia daqui até à foz do rio, até Espanha, digo eu! Pergunte a quem quiser. Eles é que diziam. Para abrir pedra não havia como ele. Jato de água... não havia nada disso, e naquele tempo não havia como ele.

Aprendi tudo com ele. Casou com uma prima. Pois... A minha mãe. Eu só tenho dois avós. Falta-me qualquer coisa. Acha graça...

Em França, via aquelas piscinas, aqueles escorregas, e pensava para mim...

Você acha que em França eu tinha tempo e disposição para nadar? Mas é que tinha! Os outros iam para a casa, ficar quietos, aprender francês, mas a mim, não, quem me tirava a água tirava-me tudo. Bidonville? Não.

Foi o meu sonho e construí-o. Fazem-se os sonhos, perdem-se os filhos. Não é como se diz?

Não escreva isto com pronúncia, por favor.

Mas eu ainda aqui tenho aqui esta minha menina. A minha moura, a minha deusa. Esta, fui eu quem a talhou. Tirei-a da minha cabeça, uns diziam que era a mãe, outros que era a filha. Uma era a cara da outra. A mãe, foi com ela que eu casei. E foi ela que me deu os filhos. Mas a filha, é mais próxima ainda. A outra está lá dentro. Quer entrar para ver? A mãe, foi o meu amor desde menino.

Era a única da aldeia!

Lá está a senhora a rir...

Não pense que foi uma história feliz... Ela emigrou... Foi ter com os pais. Mais de vinte anos sem lhe pôr a vista em cima. E um dia regressa, ela, a família, e chamam-me

para trabalhar na casa... O meu coração... Nem queria acreditar... Era como se a sereia na pedra tivesse ganho vida.

Não me arrependo... Ainda bem que voltaram. Foi o meu amor, o meu desejo, o meu destino, as minhas saudades dos tempos de criança. Eu já era um homem feito, ia para velho, mas ainda estava em idade para casar. Ela é que me teceu os fios da vida... e eu ainda voltei à água para salvá-la... mas ela não queria. Queria ir ter com as crianças. A água começou a subir, a subir. Quem terá sido o criminoso? E porque é que elas foram para tão longe? Fugiam de quê? Estavam só os quatro, e elas fugiram-me da mão... Fugiam de mim.

O pior foi ter que mudar de nome. Já pensou chamar água à pedra?

Eu trouxe a minha casa toda para aqui. Quase toda. Demorou, mas veio. Ia lá ficar? Já em França pensava nisso.

Uma vez na escola fui chamado ao quadro para apontar os rios no mapa.

Diga o nome de um rio neste mapa.

Olhei atentamente o mapa.

Rio Homem.

Rio Homem?

O professor bateu-me!

Não existe nenhum rio chamado rio Homem. Que rio é esse? Rio Homem...

Mas existe sim, eu vi.

Viste onde? Aponta lá onde está esse rio!

Apontei o rio no mapa. É uma linha quase invisível, no extremo noroeste do país, na fronteira entre Portugal e Espanha, em pleno Parque Nacional do Gerês. Mas estava lá. O professor é que não sabia. Se visse como ele ficou embaraçado, aflito por me ter batido sem razão. Gaguejou uma desculpa qualquer e lá me mandou para o lugar arrependido por me ter batido. Mas já não tinha como me retirar aquele sopapo. E pensa que ele me compensou de uma outra vez qualquer? É o compensas.

A água apaga a memória das coisas. Se a água apaga a memória, que fará a pedra? Eu queria saber o que esta pedra tinha visto. Os romanos, os bispos, os azeméis... Gostava de história, mas fazia-me confusão a história só ter heróis, e não ter dragões, nem bruxas, bem diabos. Não haveria a pedra de ter visto diabos?

Foi a minha primeira piscina. Fazia tudo sem dar problemas. Depois é que veio a ideia do parque. Foi quando fizeram a barragem, já se pensava na albufeira. Ficou tudo debaixo de água. Mas no princípio o parque... Cheio de crianças. Meti esta ideia na cabeça. Era a alegria dos pequenos. E das famílias também. Escorregas, túneis, saltos, foi uma época muito boa.

E agora tive de fugir, já viu? Tenho este muro de pedra entre mim e a minha terra.

O meu filho, às vezes aparece aí. Fica a rondar. Vou ter medo do meu filho? O natural era que ele me sobrevivesse, não o contrário, isso é certo... Mas é o meu filho. Morto ou vivo...

Eu já estou preso. Se me apanharem, pouca diferença faz. Já olhou aqui à volta? Isto não é uma prisão? Mas eu quero justiça. Não vou carregar a morte de ninguém às costas, muito menos a dela, e ainda menos a da minha princesinha. Se tivesse sido eu, não me entregava à Guarda? Entregava. Você não se entregava? Está-se a rir... A senhora não, que é mulher. Não me escreva isto com pronúncia.

Sinto que sou uma pedra enterrada na areia no fundo do rio.

As pedras dantes faziam paredes e casas... agora só servem para decorar.

Pedra de cantaria, lintéis de portas e de janelas, guias de passeios, degraus de escadarias, colunas, corrimões, pias, altares e esculturas, também, esculturas. Tudo à mão.

O pior foi mudar de nome. A pedra só pode ser pedra, não pode ser água, ou pode? A água fende a pedra. Parte-a ao meio.

Tenho aqui o processo. A minha vida é um livro aberto.

Peço justiça, que vejam as coisas como... como elas são.

Se não bebo, é para não transbordar. Agora pareço seco, como uma pedra, mas por dentro...

O livro está fechado, as páginas coladas umas nas outras, já não correm os pensamentos, a lombada está cheia de manchas de bolor, cada página é uma coisa bafienta e húmida, escura... A capa, escorregadia como o musgo. Assim é o meu coração. Sou uma pedra coberta de limos.

Qualquer dia, o livro incha com a água, incha tanto, tanto, que abre nas páginas todas ao mesmo tempo, a pedra estala de vez. Não peço piedade, não peço perdão. Peço justiça.